

INTÉRPRETES DO FADO

TILLA MARIA DA ENFERMAGEM PARA O FADO

CLOTILDE MARIA VICENTE SEGURO SANTOS, 36 anos, casada, intérprete de fado com o nome artístico de Tilla Maria.

Profissional desde há quatro anos, conta com sete discos gravados, e com uma nova gravação prestes a sair. Há mais de um ano actua como artista privativa numa casa típica em Cascais: O Kopus Bar.

Possui um currículo invejável, pois além dos discos já editados, actuou ao longo destes quatro anos nas melhores casas típicas de Lisboa, Porto, Algarve e no Estrangeiro.

Ex-enfermeira, deixou a enfermagem dedicando-se inteiramente a uma actividade que, como amadora, já praticava desde longa data — o fado. Em pequenina, seu pai, também ele amante do fado, que cantava e compunha, a lavava à ronda do fado vadio, ainda hoje apreciado nas redondezas de Lisboa. Tem portanto as suas raízes.

— Poucas artistas se poderão orgulhar de, em tão pouco tempo — mais ou menos quatro anos — obter tantas gravações. A que se deverá isso? A si, ou àquilo que canta?

— Deve-se sobretudo ao trabalho e ao profissionalismo que imponho a mim pró-



pria; também a uma disciplina de vida, responsabilidade e alguma sorte. Aliás, conceitos que aprendi ao longo dos anos, — nem sempre fáceis, — e que dificilmente me fazem abdicar do que me proponho fazer, quando eu própria o considero válido.

Sem reparar, actuando com os nomes mais famosos do fado, e infelizmente nem sempre os mais falados na Rádio, TV e Jornais — esses são uma pequena elite empurrada sabe-se bem por que forças —, bebi um pouco de qualidade de todos eles, sem nunca abdicar de mim própria. Não imito ninguém. Penso que serei assim uma tradicionalista, se pretender classificar a minha posição no fado, contudo impondo o meu ego, necessariamente evolutivo. Desta simbiose têm saído os meus fados, as minhas gravações e provavelmente a minha sorte. Nunca fui pessoa de dar saltos no desconhecido, profissionalmente, pois acho que o fado é cultura, e como tal deve manter as suas raízes bem arraigadas ao povo que o sente e

cria, e seria uma grande falta de senso desenraizá-lo, transformando-o em, eu sei lá, rock, por exemplo. Também canto folclore, mas mais como acessório do que essencial. Para mim, essencial é o fado-castigo ou canção. No folclore e partes musicais de revista, limito-me a dar expansão às qualidades da minha voz, ao passo que ao fado dou a expressão de mim mesma, porque é o fado que eu realmente sinto «de corpo inteiro»; aliás, quem me ouve, sente a diferença.

— O que gostaria que acontecesse ao fado?

— Que ao fado, tão apreciado e até consumido pelos estrangeiros que nos visitam, fosse dada a possibilidade de, na sua própria terra, exercer o seu real papel de canção nacional — isso considero eu cultura de um povo, e repare o que se faz nos outros países em defesa e promoção das suas canções tradicionais, promovê-las e protegê-las, porque dão-se conta que ali está o seu passado, a sua cultura, a sua expressão própria, as suas raízes de presente e de futuro. É isso. Ali está a sua diferença e ao mesmo tempo a sua homogeneidade de povo, e Nação.

— E as suas fontes?

— Bem, para o folclore faço normalmente um trabalho de pesquisa, tentando recolher o melhor para as minhas características próprias de voz e expressão. Quanto ao fado sou muito exigente. Hoje em dia existem mais «fazedores de versos» do que poetas. Amontoar versos com determinada rima, é fácil e corriqueiro. Fazer poemas, ou fazer poesia, é raro e difícil, porque para isso é preciso alma. Será que o fado está a ficar desalmado? Não, se a alma do poeta lhe for transmitida pelo artista que o canta e sente. Repare que eu digo poeta. Isso é que é fado, na verdadeira acepção da palavra e quem o interpreta é que é verdadeiramente fadista. O resto são cantigas... Aliás, ultimamente temos assistido a tomadas de posição, em que se nota que determinados artistas são realmente desalmados e para mim também desonestos nas posições que tomam, comparando-se ou assumindo-se como novas «Amálias», o que só os desacredita e é pena.

— Qual o fado que gostaria de ter criado?

— «Meu corpo».

— Indique dois guitarristas portugueses que considere excepcionais?



Actuando numa casa típica



Ao lado da veterana do fado: Fernanda Baptista

— Armindo Fernandes e António Chainho.

— E dois violinistas?
— Martinho d'Assunção e José Maria Nóbrega.

— Acha que os preços nas casas típicas são caros?

— São relativos ao tipo de espectáculo mas não estou muito dentro disso.